

Como citar este capítulo de livro:

Weber, L.N.D. (2003). Adoção: breve análise das relações familiares. Em M.Z.S. Brandão e cols. (Orgs), **Comportamento e Cognição Vol. 11** (pp. 512-526). Santo André: ESETEC.

ADOÇÃO: BREVE ANÁLISE DAS RELAÇÕES FAMILIARES

Lidia Natalia Dobrianskyj Weber ¹

Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Paraná

A ADOÇÃO NA HISTÓRIA

A preocupação com os órfãos e com crianças destituídas de uma família vem de tempos muito antigos, e a adoção sempre existiu na história da humanidade. Todos já ouviram falar da história de *Moisés*, que foi adotado pela filha do Faraó; conta o mito que os gêmeos abandonados, *Rômulo e Remo*, foram amamentados por uma loba e fundaram Roma; o império romano foi governado por mais de um século, pelos filhos adotivos de *Otávio o "Augusto"*, que, por sua vez, foi filho adotivo de Júlio César. Foram os romanos que estabeleceram as bases da adoção legal na idéia de filiação conferida por um certificado aos pais adotivos e na transmissão do nome de família por meio da adoção. Até no rico imaginário das histórias infantis existem inúmeros personagens que fazem parte de famílias adotivas: um dos mais conhecidos é o *Super-Homem* (que até veio de outro planeta!); no *cartoon* "Os Flinstones" o *Bam-Bam*, filho adotivo de Barney e Beth; *Mogli*, o menino-lobo foi abandonado na floresta e adotado seguidamente por vários animais; *Simba*, no filme "O Rei Leão", ficou perdido na floresta e também foi adotado por uma família bastante diferente: um javali e um roedor do deserto; *Tarzan* e *Pinóquio* são outros desenhos que tratam simbolicamente de adoção (Weber, 1999b; Weber, 2001).

Apesar de pais e filhos adotivos existirem desde o início dos tempos, o tema adoção foi sempre um pouco obscuro, tratado geralmente na intimidade das famílias. Há algum tempo atrás, poucos estudos acadêmicos sobre este assunto tinham sido realizados no Brasil, e isto trouxe como consequência a generalização de casos dramáticos e a formação de preconceitos e estereótipos (Weber, 1999a, 1999b), como reflete Vargas (1994, p. 1): "a adoção, (...) mesmo sendo uma prática corrente na sociedade desde remotos tempos, continua encoberta no silêncio, a alimentar mitos e fantasmas". Esses "mitos" e "fantasmas" em relação à adoção advêm da mídia e do boca-a-boca que generalizam casos mal sucedidos de adoção, e também pela generalização de casos clínicos dramáticos que colocam a perda inicial dos pais genéticos como irreparável para a criança adotada, e determinante de todos os problemas da adoção.

As pesquisas sobre famílias formadas por adoção revelam que não se deve mitificar a essência de ser pai genético com a contingência de ser pai adotivo. Os dois tipos de parentalidade têm exatamente a mesma importância e a mesma essência. No entanto, a contingência de ser uma família adotiva traz características especiais que não devem ser negadas e demanda modos de enfrentamento diferentes das famílias não adotivas.

PERFIL DAS FAMÍLIAS POR ADOÇÃO NO BRASIL

Para ter acesso às estatísticas oficiais em relação ao abandono e à adoção no Brasil seria preciso pesquisar em mais de 2000 Juizados da Infância e da Juventude do país. O trabalho mais completo desta natureza até o momento (Weber, 2001) foi uma tese de doutorado que investigou diversos aspectos da adoção com 400 pessoas em 17 Estados e 105 cidades brasileiras. Atualmente fala-se em família genética ou gestacional e não família biológica, pois mãe biológica é aquela que nutre, alimenta e tem interação com o filho, e mãe genética ou gestacional é aquela que dá a vida (Hrды, 2002). Um breve resumo dos principais dados encontrados por Weber será apresentado a seguir:

Sobre os adotantes

¹ Professora do Departamento de Psicologia e do Mestrado em Psicologia da Infância e da Adolescência da UFPR. Endereço: Pç Santos Andrade, 50/1º and. – Departamento de Psicologia – 80020-3000 Curitiba-PR. E-mail: ldiaw@uol.com.br

- *Estado civil dos adotantes:* casados (89%);
- *Idade dos adotantes:* a idade média da mãe adotiva no momento da adoção é de 32 anos e do pai adotivo, 37 anos;
- *Cor da pele dos adotantes:* 96% das mães e 86% dos pais são brancos;
- *Escolaridade dos pais adotivos:* metade das mães adotivas (50%) e dos pais adotivos (48%) está cursando ou possui curso superior;
- *Renda salarial familiar:* A maioria das famílias adotantes (73%) possui renda familiar variando entre 3 e 30 salários mínimos mensais;
- *Existência de filhos genéticos:* 49% das famílias adotivas têm filhos genéticos, sendo que 84% dos filhos genéticos foram gerados antes da adoção;
- *Motivo para não ter filhos genéticos:* 80% afirmaram que não geraram filhos por questões de infertilidade ou esterilidade; 9% são solteiros; 7% afirmaram que optaram por não ter filhos genéticos e 4% relataram “outros motivos”;
- *Número de filhos adotados:* 54% adotaram somente uma criança e 46% adotaram duas ou mais crianças:
- *Idade da criança adotada:* 71% adotaram um bebê com até três meses de idade; 14% adotaram crianças até dois anos de idade. Houve, portanto, somente 15% de adoções de crianças com mais de 2 anos de idade (consideradas adoções tardias);
- *Cor da criança adotada:* 71% adotaram uma criança de cor branca; 24% adotaram uma criança de cor parda; 4,5% adotaram uma criança de cor negra e 0,5% adotou uma criança de cor amarela.
- *Saúde da criança adotada:* a maioria absoluta de crianças era perfeitamente saudável (75%); os outros possuíam algum problema de saúde no momento da adoção, mas geralmente, sem gravidade;
- *Gênero da criança adotada:* a preferência por meninas (57%) em relação a meninos (43%) não é estatisticamente significativa;

Adoção legal ou informal

- *Tipo da adoção:* as adoções dividem-se em “legais” (52%), realizadas através dos Juizados da Infância e da Juventude do país, e as “informais” (48%). As informais ocorrem quando um bebê é registrado em cartório como filho genético (42%) e quando uma criança passa a fazer parte da família adotiva mas sua certidão de nascimento continua em nome dos seus pais genéticos (6%) - também as conhecidas como “filho de criação”;
- *Tipo das adoções versus avaliação dos Juizados da Infância e da Juventude:* a maioria absoluta dos adotantes que realizaram uma adoção legal ou informal avaliou negativamente o trabalho realizado pelos Juizados da Infância e da Juventude em relação à adoção (76% e 89%, respectivamente)²;
- *Tipo das adoções versus nível de escolaridade dos adotantes:* adotantes com nível de escolaridade superior apresentaram maior tendência em realizar adoções legais. Dos adotantes com nível superior, 70% dos pais e 80% das mães fizeram adoções legais, enquanto somente 30% dos pais e 20% das mães realizaram adoções informais; 51% dos adotantes com escolaridade até 1º Grau realizaram adoções informais e somente 26% dos adotantes com escolaridade de 2º e 3º Graus fizeram esta escolha;
- *Tipo das adoções versus renda familiar:* adotantes com menor renda familiar apresentaram tendência para realizar adoções informais. Os dados mostram que 56% dos adotantes que têm renda familiar até 15 salários mínimos fizeram adoções informais, enquanto 24% dos adotantes com renda superior a 15 salários mínimos fizeram este tipo de adoção.

² Todas as relações entre dados apresentados neste resumos foram considerados estatisticamente significativos pelo teste de qui-quadrado com $p < 0,05$.

Motivação para a adoção

- *Motivação para adoção:* a maioria dos adotantes (63%) adotou uma criança para resolver uma necessidade em sua vida: não pôde gerar filhos genéticos, ainda era solteiro ou um filho seu havia falecido; 35% dos adotantes alegaram motivações altruístas (encontrar uma criança abandonada, compromisso social etc.) quando decidiram adotar uma criança;
- *Motivação para adoção versus renda familiar:* a adoção cuja motivação é altruísta ocorreu com maior frequência em famílias com renda familiar menos privilegiada. Enquanto 47% dos adotantes que têm uma renda salarial até 30 salários mínimos realizaram uma adoção por motivos altruístas, 26% dos adotantes com renda superior a 30 salários mínimos realizaram uma adoção altruísta;
- *Motivação para adoção versus escolha das características da criança:* os adotantes cuja motivação foi a infertilidade fizeram maiores exigências em relação aos atributos físicos da criança a ser adotada. Adotantes que adotaram porque não tinham filhos genéticos mostraram maior preferência por determinados atributos físicos da criança (35%) do que aqueles que adotaram por motivos altruístas (7%).

Opiniões sobre situação atual da adoção no país

- *Fatores para o êxito de uma adoção:* a maioria dos pais adotivos (39%), dos filhos adotivos (48%) e dos filhos genéticos (48%), afirmaram que o “amor” é o fator essencial para o sucesso de uma adoção. No entanto, somente os filhos adotivos falaram da necessidade de “diálogo”, e os filhos genéticos ressaltaram a necessidade de algum tipo de “ação concreta” para a construção da relação;
- *Importância da preparação para a adoção:* pais adotivos (58%), filhos adotivos (52%) e filhos genéticos (72%) concordaram em maioria que a preparação é importante;
- *Existência de algum tipo de preparação para a adoção para os adotantes:* a maioria absoluta (79%) dos pais adotivos não teve qualquer tipo de preparação prévia à adoção; 42% dos filhos genéticos foram preparados por seus pais, e para 42% deles a adoção foi uma surpresa.

Desenvolvimento, educação e relacionamento dos filhos adotivos

- *Principais características atribuídas aos filhos adotivos por seus pais:* a maioria absoluta dos pais adotivos (74%) falou, em primeiro lugar, de características positivas de seu filho adotivo. Entre todas as características atribuídas ao filho adotivo, as principais foram: “ser afetivo” (21) e “ser alegre” (14%);
- *Dificuldades na educação do filho adotivo segundo seus pais:* a maioria absoluta dos pais adotivos (69%) afirmou não ter encontrado dificuldades na educação do filho adotivo, ou mencionou que as dificuldades foram naturais como em qualquer família;
- *Dificuldades na educação do filho adotivo versus idade da criança no momento da adoção:* pais adotivos que adotaram crianças com idade acima de dois anos relataram maiores dificuldades na sua educação: 25% dos adotantes que adotaram uma criança até dois anos relataram dificuldades na educação, enquanto 38% dos adotantes que adotaram uma criança com mais de dois anos afirmaram terem experimentado dificuldades;
- *Dificuldades na educação do filho adotivo e do filho genético:* a maioria absoluta dos adotantes que têm filhos genéticos e adotivos afirmou que as dificuldades encontradas na educação dos seus filhos foram semelhantes (61%);
- *Dificuldades no relacionamento afetivo com o filho adotivo:* a maioria absoluta dos pais adotivos (76%) afirma que não encontrou dificuldades no relacionamento afetivo com o filho adotivo;
- *Dificuldades no relacionamento afetivo com o filho adotivo versus idade da criança no momento da adoção:* a adoção de crianças com mais de dois anos de idade trouxe aos pais maiores dificuldades no relacionamento afetivo; 13% dos adotantes que adotaram crianças com menos de dois anos tiveram dificuldades enquanto 72% dos adotantes que adotaram crianças com mais de dois anos relataram dificuldades com o relacionamento afetivo de seu filho adotivo. No entanto, essas dificuldades foram

superadas e nenhum filho que demonstrou estar insatisfeito com a relação atual foi adotado tardiamente;

- *Dificuldades no relacionamento afetivo com o filho adotivo versus motivação para adoção:* ter adotado uma criança por infertilidade ou por altruísmo não tem relação com encontrar dificuldades no relacionamento afetivo com o filho adotivo; 84% de adotantes cuja motivação foi infertilidade não encontraram dificuldade no relacionamento afetivo, e 78% dos adotantes cuja motivação foi altruísmo não encontraram dificuldades neste tipo de relacionamento com seu filho adotivo.

Preconceito e discriminação social pela família adotiva

- *Filhos adotivos pensam que as pessoas tratam de maneira diferente as pessoas adotadas?* Aproximadamente metade dos filhos adotivos (51%) afirmou que, de maneira geral, os outros tratam de maneira diferente e discriminam as crianças que foram adotadas;

- *Sentimentos dos filhos adotivos em relação à sua possível aparência com os pais adotivos:* a maioria dos filhos adotivos está satisfeita com a sua situação, sejam parecidos ou não com os pais adotivos: 32% acham-se parecidos e gostam da situação, e 25% acham-se diferentes mas também gostam da situação. Somente 13% afirmaram que se acham diferentes e gostariam de ser parecidos com seu pais adotivos;

- *Filhos adotivos indicam as pessoas que os discriminaram:* a maioria das atitudes discriminatórias em relação aos filhos adotivos vieram de amigos (37%), da família (33%) ou tanto de amigos quanto da família (17%);

- *Sentimento de vergonha sobre a adoção de membros da família adotiva:* este dado revela diferenças entre os três grupos pesquisados: a maioria absoluta dos pais adotivos (63%) afirmaram que nunca sentiram vergonha da sua situação ou, ao contrário, sentem orgulho (19%). Os filhos genéticos afirmam, em primeiro lugar (58%) que sentem-se orgulhosos de ter um irmão adotivo ou que nunca sentiram vergonha (30%). A maioria absoluta dos filhos adotivos respondeu que não sentem vergonha (71%), mas nenhum falou que tem orgulho desse fato, e 26% sentem-se envergonhados ou procuram não falar do fato;

- *Sentimento de vergonha do filhos adotivos versus idade em que ocorreu a revelação:* filhos adotivos que souberam de sua adoção depois dos seis anos e/ou por terceiros, sentem mais vergonha da sua condição.

Alguns fatores principais da dinâmica da família por adoção

- *Pais adotivos revelaram a adoção ao seu filho adotivo?* A maioria absoluta dos pais adotivos contou a origem ao seu filho e somente 4% não fizeram e nem pretendem fazer esta revelação; foi a mãe quem falou com o filho sobre a adoção, na maioria das vezes (43%) e, em segundo lugar (23%), aparecem ambos os pais;

- *Idade em que o filho adotivo soube de sua adoção:* a maioria absoluta dos filhos que foram adotados precocemente (79%) afirmou que soube de sua adoção pela mãe e/ou pai, antes dos seis anos de idade; 22% souberam sobre sua história de maneira pouco adequada: tardiamente pelos pais, ou por terceiros;

- *Idade em que o filho adotivo soube de sua adoção versus sentimento de vergonha por ser adotivo:* aqueles que souberam depois dos seis anos sentem mais vergonha da sua condição de adotivos (46%) do que aqueles que souberam antes dos seis anos (28%);

- *Os filhos adotivos desejam ter mais informações sobre sua família de origem?* A maioria absoluta dos filhos adotivos (62%) pensa que ter informações sobre sua família de origem não é importante; 32% dos filhos pensam que é bom conhecer sua história;

- *Filhos adotivos têm interesse de conhecer pessoalmente sua família de origem?* A maioria absoluta dos filhos adotivos (58%) não quer conhecer sua família de origem ou não gostou de conhecê-la; 13% foram fruto de adoção tardia e afirmaram que gostaram de ter conhecido sua família e 18%

gostariam realmente de conhecê-la pessoalmente; para os outros isso é indiferente ou deixaram a questão sem resposta;

- *Sentimentos dos filhos adotivos por seus pais genéticos*: 45% dos filhos adotivos afirmaram que não têm nenhum tipo de sentimentos por sua família de origem; 28% referiram-se a sentimentos negativos e 22% falaram de sentimentos positivos;
- *Sentimento dos filhos adotivos em relação a seus pais adotivos*: a maioria absoluta (93%) afirmou que sente amor e percebe-os como pais; 4% afirmaram que eles são como estranhos e 3% deixaram a questão sem resposta.

ANTES DA ADOÇÃO

O tema da adoção no Brasil ainda é pouco explorado do ponto de vista acadêmico, aliado ao fato de que a coleta de dados não é fácil de ser feita. Aqui as estatísticas em torno do tema são extremamente escassas, especialmente as oficiais, mas no restante no mundo sabe-se que a visibilidade da adoção aumenta ao mesmo tempo em que ela tende a decrescer em números. Isto decorre pela diminuição natural dos abandonos em países desenvolvidos pelo aumento dos métodos contraceptivos e pelas campanhas de conscientização e pela melhoria dos métodos de fertilização.

A seleção dos candidatos tem sido um tema polêmico atualmente. A posição clássica era simplesmente selecionar candidatos que apresentassem “naturalmente” características e habilidades diferenciadas, ou seja, candidatos que indicassem maior aptidão para este tipo de tarefa – educar uma criança adotada. De qualquer maneira, existe, sim, uma série de habilidades especiais no caso de pais adotivos quando comparados com pais genéticos, a saber:

- A maioria das pessoas que adotam crianças no Brasil têm como motivação a esterilidade, infertilidade ou outras dificuldades não determinadas para a concepção de um filho genético. Nesse caso, os adotantes devem enfrentar os sentimentos de culpa que esta situação traz. Se a concepção religiosa traz o conceito de que “filhos são uma bênção”, o que dizer de pessoas (e especialmente de mulheres) que não conseguem gerá-los? O escritor francês Balzac coloca as palavras “uma mulher sem filhos é uma monstruosidade” na boca da personagem Louise, protagonista das *Memoires des deux jeunes mariées*; “somos feitas apenas para ser mães” (Perrot, 1995).
- Os adotantes que fazem a adoção pelo sistema legal devem enfrentar o desgastante processo de habilitação para a adoção, com testes, entrevistas, questionários, inventários de personalidade, escalas de atitudes, questionários de comportamento, visitas em sua residência, contracheques, atestados de idoneidade, declarações de residência, tudo e mais um pouco. O relato de pais adotivos mostra que tudo isso provoca uma resposta emocional de raiva, pois, como disse uma mãe adotiva, “nenhuma pessoa que decide gerar um filho precisa passar por esse processo invasivo”. Às vezes, vários técnicos perguntam a mesma coisa, e na adoção de um segundo filho, os adotantes afirmam que devem passar novamente por todo o processo. Não está em discussão aqui o sistema legal, embora não resta dúvida de que ele tem sua importância, pois está a cargo do Poder Judiciário determinar quem pode ser pai adotivo. Porém, questões sobre esse processo devem ser repensadas e atualizadas de maneira menos dogmática (Weber, 1997).
- Os pais adotivos devem saber lidar com a história de origem da criança. Às vezes esse “lidar” inclui imaginar e refletir sobre essa família de origem sem ter nenhum dado real sobre ela, o que é muito comum em nosso país devido ao grande número de abandonos de bebês em locais públicos sem que haja a possibilidade de encontrar essa mãe e conhecer dados mínimos sobre a origem da criança adotada.
- Os pais adotivos devem lidar com o fato de que o filho adotivo lhes trará lembrança de sua própria infertilidade. Ao mesmo tempo em que ele resolve a questão da infertilidade, ele a sinaliza.
- Os pais adotivos devem ter a capacidade de enfrentar o conhecimento de uma dolorosa história anterior ou de uma não-história. Aquela criança que foi transformada em filho pode ter sido entregue para adoção em um Juizado da Infância e da Juventude; pode ter sido abandonada em uma Igreja ou largada no lixo; a sua mãe gestacional pode ter sido usuária de drogas, de álcool ou vítima de doenças. Geralmente isso não está no histórico das crianças disponíveis para a adoção (Weber,

1998, 1999, 2001), então, na maioria das vezes, a família adotiva deve lidar com o desconhecimento da história e com todos os pensamentos fantasiosos que isso acarreta.

- Os pais adotivos devem ter a capacidade de lidar com a possível dor do abandono, do sentimento de rejeição do seu filho. Como eles poderão aprender a minimizar o fato de que existiu um abandono antes de haver o encontro da adoção?
- Os pais adotivos e seus filhos terão de ter a capacidade de enfrentar as freqüentes discriminações e preconceitos no dia-a-dia. Se for feita uma adoção especial (uma criança com mais idade, de cor de pele diferente ou com algum problema de saúde), o enfrentamento de curiosidade e preconceito serão muitos ao longo da vida.

É possível afirmar que, de fato, existem diversas habilidades exclusivas dos adotantes e pais adotivos deverão ter. No entanto, a posição atual indica para a possibilidade de desenvolvimento e treinamento de tais habilidades e não simplesmente realizar a triagem de candidatos em função da existência ou não delas. Desta maneira, o processo de seleção de candidatos mudou o seu paradigma de “seleção” de candidatos para “preparação e educação” de adotantes (Biniés, 1997). Nessa mudança, ultrapassa-se o modelo de selecionar os mais aptos, para primeiramente preparar, educar, treinar habilidades e refletir sobre sentimentos, sendo que durante todo esse processo os próprios candidatos podem chegar à conclusão de que realmente a adoção é aquilo mesmo que imaginavam e se terão condições de lidar com suas peculiaridades.

Quando a motivação para a adoção é a infertilidade ou esterilidade, a situação traz muitos estímulos aversivos aos adotantes, que devem ter ou adquirir habilidades para enfrentá-los:

- → S- = *sentir culpa pela infertilidade*. Exposição a diversos fatores negativos como incompreensão dos outros, preconceitos sociais, religiosos e culturais em relação à infertilidade. “*Eu me sentia culpada porque não conseguia engravidar*”; “*às vezes eu senti como se tivesse feito algo de errado, e a minha punição era não poder gerar um filho e receber toda a dose de preconceito que vem junto*”; “*por quê eu, me perguntava, por quê não consigo ficar grávida e tem essas mães por aí que largam o seu filho no lixo?*”
- → S- = *discriminação*. “*Especialmente as pessoas de minha família achavam estranho que a gente não conseguisse engravidar; fazia com que não nos sentíssemos completos*”; “*onde está o herdeiro, todo mundo nos perguntava a todo momento*”.
- → S- = *raiva, tristeza*. A infertilidade produz impedimento de realização (gerar um filho). “*Eu e meu marido sentíamos muita tristeza e, às vezes, até raiva, porque fazíamos tudo o que nos mandavam mas não conseguíamos engravidar*”; “*tenho raiva dessa minha incapacidade*”.
- → S- = *raiva, tristeza, inveja*. A exposição freqüente a bebês, mães e famílias com filhos é especialmente dolorosa para pessoas com problemas de infertilidade. Não se pode considerar uma inveja “maléfica” porque não existe o desejo de destruir o outro, mas adotar implica obter um S+, um filho, por meio de uma resposta socialmente aceitável.. “*Eu não conseguia ver uma mãe embalando um bebê que já começava a chorar*”; “*eu queria chorar quando ia ao shopping e via uma mãe e seu bebê ou crianças correndo perto dos pais*”; “*eu precisava de um filo*”.
- → S- = *renúncia do(a) companheiro(a)*. Quando apenas um dos dois do casal apresenta infertilidade (e isso é conhecido), ocorre a apresentação de um evento aversivo ao companheiro (fértil) que deve optar pela renúncia, sendo que o outro inevitavelmente sente culpa. “*Meu marido optou pela adoção junto comigo; eu sei que o problema é meu e penso que ele poderia ter um filho com outra mulher e isso dói*”; “*meu marido ficou triste quando descobrimos que eu tinha dificuldade e até tentamos a fertilização in vitro com óvulo de uma doadora*”.
- → S- = *frustração, decepção*. Cada exame médico negativo, ou cada gravidez interrompida intensifica comportamentos emocionais de frustração. “*Eu tinha até medo de ir buscar o exame, abri o envelope e ver que deu negativo*”; “*eu tive três abortos e sempre era como se um pedaço da gente estivesse indo embora*”; “*cada vez depois de uma inseminação, vinha um exame negativo; era uma nova flechada, muito choro e raiva; foram sete anos de tentativas, até que decidimos pela adoção*”.

AO ADOPTAR UMA CRIANÇA

A maioria absoluta dos pais adotivos no Brasil não passou por nenhum processo de preparação (Weber, 2001,) e isso significa que não teve oportunidade de lidar com esse turbilhão de sentimentos dolorosos que assola a maioria dos adotantes: a infertilidade. Isso também significa que em nosso país ainda se está longe do paradigma ideal para a seleção/preparação de candidatos. Por tudo isso é que a decisão de adotar no Brasil, ainda pode ser considerada como um conflito, em especial um conflito de aproximação-esquiva, ou seja, o comportamento de adotar uma criança leva simultaneamente a conseqüências positivas, a conseqüências aversivas, e à remoção de conseqüências aversivas. Serão listadas algumas situações a seguir.

Apresentação de estímulos positivos após o comportamento de adotar uma criança:

- → **S+ = ser mãe/ser pai.** Emitir comportamento de maternagem; sentir orgulho de mostrar o filho aos outros; ter a possibilidade de passar adiante o nome da família; ter a possibilidade de deixar bens e herança para seu filho; ter a possibilidade de ensinar comportamentos e valores ao seu filho. A impossibilidade de gerar um filho pode ser considerada uma operação “natural” de privação que aumenta muito o valor reforçador de uma criança. Para adotantes com problemas de infertilidade o fato de ter um filho é fundamental e uma grande meta na vida, enquanto que para pessoas férteis a questão de ter um filho pode ser simplesmente uma mera conseqüência de um casamento ou de um ato de reprodução... *“Não podíamos gerar nossos filhos e cansamos de tantos tratamentos. A adoção surgiu como outra forma natural de construirmos nossa família. Não pensávamos que se adotássemos estaríamos tirando uma criança da rua...Queríamos apenas ser pais e termos nossos filhos. Às vezes alguém nos fala: “nossa; que maravilha que vocês fizeram! Vocês vão ganhar o céu pela boa ação”. O céu nós já ganhamos quando recebemos nosso filho. Será tão difícil as pessoas verem a simplicidade disso? Apenas pais e filha. Só isso!”*
- → **S+ = aprovação social.** Especialmente a adoção por motivos altruístas (adoção de crianças mais velhas, com problemas de saúde ou de cor de pele diferente) levam a certa dose de aprovação, embora, ao mesmo tempo, possam levar também à desaprovação. *“As pessoas me dizem: - Vocês merecem o céu por terem adotado essa criança tão diferente”; “algumas pessoa me elogiam, mas em seguida dizem: - Nossa que loucura que você fez”* (Costa, 1988; Weber, 2001).

Eliminação de estímulos aversivos após o comportamento de adotar uma criança:

- → **S- = elimina o problema da infertilidade, isso é, não poder gerar um filho.** Quando a adoção é feita por um casal e se existe conhecimento dos adotantes de que apenas um deles tem problemas com infertilidade ou esterilidade, a resposta de adotar uma criança passa a minimizar a renúncia do parceiro fértil, pois este poderá experimentar a maternagem da mesma maneira com um filho adotivo, apenas os genes não serão os mesmos. *“Meu marido é estéril, então nós decidimos adotar uma criança para podermos ser mãe e pais”; “tenho problemas para manter a gravidez e já tive três abortos, então decidimos adotar”.*
- → **S- = sentimentos advindos com a infertilidade.** A resposta de adotar elimina ou minimiza os sentimentos de culpa, frustração, raiva e tristeza que decorrem especialmente da infertilidade. *“Eu sentia muita raiva de não poder ter um filho; por quê eu? pensava, mas depois da adoção isso acabou”; “eu sentia uma tristeza e certa inveja quando via as mães passeando com seu filhinhos pelas ruas; agora também fico passeando e fico toda orgulhosa da minha filha”; “muitos amigos e principalmente a família do meu marido ficavam me culpando indiretamente pelo fato de a gente não ter filhos, eu me sentia muito mal com isso”.*
- → **S- retirar uma criança do abandon.** (ou também por motivos altruístas mesmo que tenha sido uma adoção motivada pela infertilidade) significa retirar crianças do abandono e/ou da

institucionalização. *“Foi um impulso de solidariedade com a mãe da criança”; “nosso filho foi entregue na nossa casa em uma caixa”; “a mãe dele faleceu e era a nossa empregada há anos”.*

Esses aspectos que levam ao conflito são extremamente poderosos em adotantes que tiveram a infertilidade como motivo principal, mas diminuem sensivelmente em pessoas que realizaram a adoção por “motivos altruístas”, pois acabam provocando a simpatia pela sua adoção, e as pessoas não se cansam de repetir: *“Vocês vão ganhar o céu pela sua boa ação”.*

Apresentação de estímulos aversivos após o comportamento de adotar uma criança:

- ➔ **S- = ser vítima de preconceito, discriminação; sentir medo e culpa**, isso ocorre tanto em adoções por motivos altruístas como quando a infertilidade foi a motivação. Em relação à adoção existe preconceito social, cultural, religioso, legal. Dados de pesquisa (Weber, 2001) mostram que cerca de 30% dos filhos adotivos admitem ter algum tipo de dificuldade com membros da família extensa em função de preconceito e discriminação. Depoimentos de pais adotivos: *“Eu me sinto mal; sou discriminada todos os dias e parece até que fiz alguma coisa errada”; “Eu fico chateado quando minha mulher fala para alguém que nosso filho é adotado”; “No dia das mães um vizinho me deu parabéns e disse que eu ‘como se fosse uma mãe’; na hora em que ele disse isso, foi como se eu desmoronasse”. Uma filha adotiva disse: “Eu sempre sentia por imaginação que minha mãe podia ser uma prostituta; queria entender por quê meus pais biológicos não me quiseram. Hoje eu não saio contando por aí que sou adotada, mas se me perguntam, sei ser sincera”.*
- ➔ **S- = sentimentos negativos**. Os pais adotivos, na maioria das vezes, relatam medo do desconhecido, medo da história de abandono do seu filho, medo de serem rejeitados pelo filho no futuro, medo de como será na hora da revelação sobre a adoção, entre outros. Os pais dizem: *“tenho medo do meu filho não me amar – não me adotar. Tenho medo de não amá-lo...”*; *“Às vezes me sentia culpada por castigá-lo por algum motivo. Tinha medo dele pensar que eu não o amava o bastante”*. Os filhos dizem: *“tenho medo que meus pais exijam que eu seja perfeito para que possam me amar...”*; *“minha mãe sempre queria que eu fosse perfeitinha em tudo. Era difícil porque eu tenho medo de não corresponder e queria ser só normal”*; *“as pessoas ficam o tempo todo falando, ‘nossa! Você deve ser muito grata a seus pais, eles te salvaram’; já estou cheia disso, afinal, foi uma troca, pois eles queriam muito uma filha!”*.
- ➔ **S- = medo no caso de adoção informal**. Como aproximadamente metade das adoções foi realizada de maneira informal, isto é, à parte do sistema legal, os pais sempre têm receio do que possa acontecer no futuro. *“Fico sempre pensando que um dia a mãe do meu filho possa bater na porta e querer falar com ele”*; *“e se um dia a minha filha encontrar a família biológica e eles falarem que eu fiz algo de errado? Eles quiseram dá-la para mim, mas nunca se sabe...”*; *“fiz uma adoção ilegal, registro direto no cartório, mas tive contato com a mãe e tenho medo o tempo todo de que ela venha buscar minha filha”*.
- ➔ **S- = pacto do silêncio**. Pais e filhos têm dificuldade em enfrentar o momento da revelação e as conversas posteriores sobre a origem do filho adotivo, então, cria-se um “pacto do silêncio” com as seguintes premissas: *“eu não conto muita coisa, você não pergunta e nós todos acreditamos que nada há para falar sobre o tema”*. Os filhos enfrentam momentos problemáticos em relação à sua história e seus pais adotivos: *“Fiquei sabendo que era adotada numa discussão da vizinha com minha mãe; ela bateu muito em mim, e a vizinha se revoltou e gritou que ela só me batia porque ela não era minha mãe”*; *“eu queria conversar com meus pais sobre minha história, mas tenho medo de magoá-los, então fico quieta”*; *“eu perguntava às vezes sobre minha mãe de sangue, mas para eles (pais adotivos) era um super tabu, era até uma agressão para eles eu querer conversar sobre isso”*.
- ➔ **S- adoção legal faz com que os candidatos sintam-se invadidos e julgados**. A maioria absoluta dos pais adotivos que passaram pelo sistema legal de adoção (e aqueles que não passaram também) tem uma valoração muito negativa de todo o processo (Weber, 2001). Encaram como uma infinidade de obrigações e deveres, mas falta-lhes apoio e preparo. *“É muito complicado,*

os casais são muito mal atendidos, são desestimulados, além de forçarem a adoção tardia e inter-racial”; “é muita burocracia, eles exigem muita coisa e não fazem nada, a gente gasta um dinheirão”; “eu queria ter conversado mais com pessoas que já adotaram para saber como funciona de fato”.

Os pais adotivos devem enfrentar, então, uma série de situações aversivas, e a maneira como forem enfrentadas determina aspectos da dinâmica familiar. Sem uma preparação adequada e sem o suporte de Grupos de Apoio à Adoção, deve-se refletir sobre como os membros das famílias por adoção resolvem por si mesmos tais questões. A ausência de preparação também diminui as chances de outros tipos de adoção de “crianças não-idealizadas” (crianças maiores, por exemplo). Nesse caso, Becker (1995) afirma que um trabalho bem feito de preparação pode levar candidatos a aceitarem a adoção de crianças mais velhas ou grupos de irmãos, pois estarão abandonando a idéia de fazer de conta que o filho adotivo é genético. A concepção generalizada de que brasileiros só adotam crianças recém-nascidas e de sua própria etnia se deve, em grande parte, à ausência de trabalho preparatório à adoção”.

ASPECTOS DA DINÂMICA FAMILIAR

Um dos aspectos que determinaram dificuldades na dinâmica familiar com maior frequência em famílias por adoção foi a revelação tardia e/ou inadequada (Weber, 2001), ou seja, contar sobre a adoção depois dos seis anos de idade ou a criança saber a adoção por outros que não os pais adotivos, mostrou correlação com diversos problemas enfrentados por pais e filhos por adoção. No entanto, advoga-se a idéia que esta “revelação” não tenha um caráter de revelação solene, mas que seja incorporada ao cotidiano e ao universo simbólico da criança de modo gradativo e sistemático. Isto significa que não é interessante contar uma vez para a criança e nunca mais falar sobre o tema, mesmo porque a criança terá diferentes perspectivas de acordo com a idade em que estiver. Porém, foi exatamente isso que grande parte dos filhos adotivos reclamaram de seus pais, ou seja, afirmaram que sempre souberam que eram adotados, mas não tiveram oportunidade de conversar tranquilamente sobre isso com seus pais adotivos.

Desta maneira, o não falar sobre a história de origem do filho adotivo é um comportamento de esquiva com diversas conseqüências (reais ou imaginárias para os pais):

Esquiva de falar da origem:

- Não potencializar o valor dos pais genéticos; impedir que o filho adotado forme vínculo com os pais genéticos. *“Tenho muito medo que meu filho venha a gostar deles... sei que é um medo bobo, mas o que posso fazer...”*
- Impedir intromissão em suas vidas. *“Eu não gosto nem um pouco de falar sobre isso; fico pensando que, se eu ficar falando muito, a minha filha fique com vontade de conhecer essa família”.*
- Enfrentar o ciúme da família de origem: ameaça de retirada de um (filho); essa mãe genética teria mais habilidades? *“Às vezes fico pensando se sou mesmo uma boa mãe e me pego comparando-me com a outra: será que se ela não tivesse deixado o meu filho na maternidade, seria uma boa mãe?”*
- Lidar com o desejo de eliminar a origem - potencialidade de retirar seu S+ (filho). *“Meu desejo mesmo seria passar uma borracha nesse passado; queria que essa família ou essa mãe não existissem”: “não gosto de pensar nessa mãe que abandonou esse meu filho lindo. Como é que alguém pode abandonar um bebê, meu Deus?”*
- Evitar magoar os pais. O discurso dos filhos indica que eles não querem nem conhecer nem ter muitas informações sobre a família de origem, mas querem trocar idéias com os pais adotivos sobre ela (Weber, 2001). *“Eu até queria conversar sobre isso, mas lá em casa essa conversa é um super tabu, e minha mãe ficava de cara amarrada”; “Eu queria falar mais sobre minha família biológica com meus pais adotivos, mas tenho medo de iniciar o assunto e magoá-los”.*

ALGUNS PENSAMENTOS DOS FILHOS ADOTIVOS

Os filhos adotivos acham que estariam em uma situação muito pior se não tivessem sido adotados por esta família. *“Se eu não tivesse sido adotada poderia estar em um orfanato ou morando em um casebre miserável”; “Não me imagino em outra situação melhor do que a em que estou agora, com meus pais adotivos”.*

Os filhos adotivos sentem os pais adotivos como verdadeiros pais. *“Pais e mãe para mim são meus pais adotivos. A outra família me deu a vida e isso é bom, mas é só isso”; “Considero meus pais adotivos como meus verdadeiros pais, pais de verdade mesmo, e nem penso muito nos outros”; “Quando eu penso em adoção, penso em mamãe e papai”.*

Os filhos adotivos sentem amor por seus pais adotivos. *“adoção é uma coisa boa para os dois lados. É um complemento para pais e filhos, e eu os amo muito.”; “eu sinto amor, nossa, eu poderia ser uma menina da vida, à-toa”; “amor, pessoas com amor que adotam, e criança precisa ser amada, sou agradecida a meus pais”;*

Os filhos adotivos revelam uma grande motivação em falar sobre sua própria história(Weber, 1999a, 1999b, 2001) e expor positivamente seus sentimentos e opiniões em relação à adoção. De um modo geral, a maioria mostrou-se disposta a relatar a sua própria história, expor seus sentimentos e suas opiniões sobre a adoção; gostou e achou muito interessante responder ao questionário e colaborar ou simplesmente para desabafar: *“Espero que eu tenha te dado subsídios suficientes para analisar esse comportamento, orientar quem se propuser adotar. Procurei não omitir nada”; Gostei de colaborar, que isso possa ajudar outras pessoas a adotar”; “achei muito bom saber que pessoas estão preocupadas com o que está acontecendo ao seu semelhante, e não só fazendo estatísticas para saber o número da grande família adotiva, pois acho que, se o ser humano deixar de lado os “tabus” e passar a respeitar seu semelhante como ele gosta de ser respeitado, acho que muita coisa muda”; “eu gosto de falar sobre isso e não tem com quem, meus pais não gostam de tocar no assunto”; “Foi bom pra desabafar”; “eu achei o máximo porque eu não agüentava mais ficar sem dizer a ninguém que eu sou adotiva”; “eu achei que me deu até oportunidade de responder perguntas que eu nunca havia parado para pensar”; “eu gostei de responder, muitas coisas que eu falei aqui, nunca falei para ninguém, guardei para mim”; “Primeiro fiquei com medo, achei que ia chorar, tomei um calmante...foi bom, porque conversei, coloquei para fora”.*

Os filhos adotivos que conheceram seus pais genéticos são raros (Weber, 2001), e mesmo nesses casos, nenhum deles deixou sua família adotiva pela outra, desmistificando a idéia, talvez, mais temida e irreal pelos pais adotivos. Para esses entrevistados, seus pais adotivos continuaram sendo seus verdadeiros pais, o que ficou claro no depoimento de uma filha adotiva: *“Antes eu achava que não ia ficar aqui, com meus pais adotivos. Se eu conhecesse minha família biológica, achava que ia querer ficar com eles, e eles iam querer ficar comigo. Eu os conheci e minha mãe biológica me convidou para ir morar com ela, mas eu não quis, quero ficar aqui”.*

Os filhos não querem que deles seja esperada apenas gratidão, pois entendem que a relação tem uma bidirecionalidade: *“Eu sempre me aborreci quando dos filhos adotivos só se quer saber a história, mas ninguém se preocupa em saber como ele se sente ou não, e dele só se espera gratidão, mas que a adoção acontece dos dois lados ninguém comenta, e não só os pais precisam aceitar a criança e está resolvido, mas tem que existir a aceitação por parte da criança também. Quando dizem que se os pais não tivessem adotado, nós estaríamos na rua, pode até ser verdade, mas no meu sentimento foi sempre tirar uma parte da condição de filho”.*

Os filhos sentem na pele que poderiam estar do outro lado e apresentam empatia com as crianças que não puderam ser adotadas: *“Fico pensando em todo aquele ‘monte’ de crianças que ninguém quer; nos orfanatos as pessoas só levam as coisas e os brinquedos que não servem mais e estão quebrados, é muito triste”.*

Os filhos têm consciência que de sua história de adoção está inevitavelmente ligada a uma história de abandono, e mesmo que *“tenha sido por amor”* que a mãe genética tenha entregado a criança para adoção, os filhos sentem como uma história triste: *“Fico pensando de vez em quando nisso e dói; acho mais fácil pensar que minha mãe biológica não pode me criar e, por isso, me deu para adoção, mas fico pensando em quantas mães pobres existem e criam seus filhos...”;* *“Eu fui deixada em*

um terreno baldio igual a um cachorrinho que não se quer mais, mas, por outro lado, fui encontrada por essa família maravilhosa que meu adotou”; “Não dá para não pensar que um dia alguém não me quis e me deixou...”.

ALEGRIAS E TRISTEZAS DE PAIS E FILHOS POR ADOÇÃO: CONCLUSÃO

A adoção é uma instituição por meio da qual se estabelece uma relação de pais e filhos entre pessoas que não possuem vínculos genéticos, mas preconceitos sociais em relação à filiação adotiva e generalizações de casos negativos isolados contribuem para uma dinâmica familiar complexa (Trillat, 1988; Brodzinsky & Schechter, 1990; Berry, 1992; Berthoud, 1992; Maldonado, 1995; Santos, 1988; Weber, 1995, 1999, 2001). A análise molecular dos sentimentos e emoções expressos por pais e filhos mostra algumas direções paralelas e outras opostas. Para os pais, a adoção significa *ter um filho e/ou ajudar uma criança em dificuldade*; para uma criança, significa passar a ser incluída na *categoria de filho*, mas também implica *admitir que houve um abandono*.

Os pais apresentam comportamento de esquivas diante de conversas com o filho acerca do passado por receio de valorizar os pais genéticos e/ou porque isto os faz lembrarem a sua infertilidade. Os filhos também apresentam comportamento de esquivas porque a situação de magoar os pais que os acolheram lhes é muito aversiva, mas ressentem-se com isso e gostariam de poder enfrentar mais claramente a situação do seu passado. Tanto pais quanto filhos têm dificuldade em enfrentar preconceitos sociais que indicam a situação de inferioridade da filiação adotiva porque somente os vínculos “de sangue” são considerados verdadeiros. É preciso esclarecer fatores determinantes dessa dinâmica familiar e atuar no sentido de diminuir os fatores de risco que incidem necessariamente diante da decisão e do compromisso de adotar uma criança. Em certas situações, as próprias famílias reproduzem estereótipos acerca da adoção e precisam ter um tempo e um espaço para enfrentar as questões familiares, tais como, revelação da origem (qual o momento e como fazê-la), lidar com a família extensa e conhecidos, entender as diferenças entre adoção por infertilidade e por altruísmo, enfrentar os colegas de escola e atenuar as ansiedades dos pais e dos filhos sobre sua história.

Uma das questões mais interessantes, para finalizar, é o desejo do filho adotivo de pertencer de fato à sua família adotiva. Sobre como imagina sua família de origem, uma menina disse: *“acho que minha mãe biológica era muito feia; eu sou parecida com a minha mãe adotiva!”* Enfrentar as dores de uma adoção e tudo o que isso implica lembra um provérbio chinês: “Não podemos evitar que pássaros da tristeza voem sobre nossa cabeça, mas podemos evitar que eles construam ninhos em nossos cabelos”.

REFERÊNCIAS

- Becker, M.J. (1995). *A Adoção em Terre des Hommes*, 69, 1.
- Berthoud, C. M. E. (1992). *Filhos do Coração: O Comportamento de Apego em Crianças Adotivas*. Dissertação de Mestrado da PUC-SP.
- Biniés, P. (1997). Quién puede ser padre adoptivo? Criterios de selección. *Infancia y Adopción*, 2, 11-20.
- Brodzinsky, D.M. & Schechter, M.D. Orgs.) (1990). *The psychology of adoption*. New York: Oxford University Press.
- Costa, M.C.S. (1988). *Os “Filhos do Coração”: Adoção em Camadas Médias Brasileiras*. Tese Doutorado. UFRJ.
- Maldonado, M.T. (1994). *Os Caminhos do Coração*. São Paulo: Saraiva.
- Perrot, M. (1991). *História da vida privada 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Santos, N.P.F. (1988). Possibilidades de Satisfação na Adoção. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 4 (2) , 113-128.
- Trillat, B. (1988). *Abandon et adoption*. Paris: Autrement.
- Vargas, M.M. (1994). *Adoção Tardia: Um Estudo do Processo de Adaptação Criança-Família*. Dissertação de Mestrado. PUCCAMP.
- Weber, L.N.D. & Cornélio, S. Filhos Adotivos: Amores ou Dissabores? *Revista de Ciências Humanas*, 4, 119-164.
- Weber, L.N.D. (1995). Famílias Adotivas e Mitos Sobre Laços de Sangue. *Revista Contato CRP08*, 15, 2.
- Weber, L.N.D. (1997). Critérios de seleção para famílias adotivas: em discussão. *Interação*, 1, 123-127.
- Weber, L.N.D. (1999a). *Laços de Ternura: pesquisas e histórias sobre adoção*. Curitiba: Juruá.
- Weber, L.N.D. (1999b). *Aspectos psicológicos da adoção*. Curitiba: Juruá.
- Weber, L.N.D. (2001). *Pais e filhos por adoção no Brasil: características, expectativas e sentimentos*. Curitiba: Juruá.